



**SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA:
NOVAS ABORDAGENS DE PESQUISA E ENSINO**
**SOCIOLINGUISTICS AND DIALECTOLOGY:
NEW APPROACHES TO RESEARCH AND TEACHING**

Josane Moreira de Oliveira¹

Clézio Roberto Gonçalves²

Jacyra Andrade Mota³

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo apresentar balanço crítico oriundo da análise e das discussões dos trabalhos apresentados no simpósio “Sociolinguística e dialetologia: novas abordagens de pesquisa e ensino”, que integrou a programação do I Fórum Internacional de Sociolinguística, organizado pelo Grupo de Trabalho (GT) de Sociolinguística da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL). O evento aconteceu nos dias 26 e 27 de novembro de 2019, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Considerando o avanço das pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas e as novas tecnologias que se apresentam, o simpósio buscou rever a metodologia da coleta de dados, o perfil da comunidade e dos informantes e o estabelecimento de variáveis linguísticas, sociais e espaciais. Alguns princípios teóricos já não se sustentam, como, por exemplo, o comportamento conservador das mulheres e inovador dos homens e o *locus* das inovações nos mais jovens e nos grandes centros. Com o acesso cada vez maior à educação formal e à mídia e com a mobilidade socioespacial comum atualmente, não se pode mais deixar de considerar as migrações e os contatos linguísticos (seja de falares ou de línguas distintas) como integrantes do perfil dos falantes. Além disso, busca-se discutir também como efetivar as contribuições da Sociolinguística e da Dialetologia para o ensino de português a nativos e a estrangeiros. Os resultados a que se chegou dizem respeito a: (i) novas metodologias de pesquisa em Sociolinguística e em Dialetologia, sobretudo com a incorporação de novas ferramentas computacionais e estatísticas; (ii) novas abordagens para o ensino de português, considerando a variação e a mudança e o combate ao preconceito linguístico; (iii) a interdisciplinaridade nas pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas, com, por exemplo, a sociologia, a geografia, a antropologia, os estudos culturais e de gênero, a pedagogia, a psicologia, a estatística.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Dialetologia; Pesquisa; Ensino.

1 Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana e do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, josanemoreira@hotmail.com.

2 Professor Associado II da Universidade Federal de Ouro Preto. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto, cleziorob@gmail.com.

3 Professora Associada II aposentada da Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora PQ-1B do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, jacymota@gmail.com.



ABSTRACT:

This article aims to present a critical balance resulting from the analysis and discussions of the papers presented at the symposium “Sociolinguistics and dialectology: new approaches to research and teaching”, which was part of the program of the I International Sociolinguistics Forum, organized by the Working Group (GT) of Sociolinguistics of the National Association of Graduate Studies in Letters and Linguistics (ANPOLL). It took place on November 26 and 27, 2019 at the Federal University of Rio de Janeiro. Considering the advancement of sociolinguistic and dialectological research and the new technologies presented, the symposium sought to review the methodology of data collection, the profile of the community and the informants and the establishment of linguistic, social and spatial variables. Some theoretical principles are no longer supported, such as, for example, the conservative behavior of women and innovative of men, and the locus of innovations in the youngest and in large centers. With the increasing access to formal education and the media and the currently common socio-spatial mobility, one can no longer fail to consider migrations and linguistic contacts (whether speaking or different languages) as part of the profile of the speakers. In addition, we seek to discuss how to make the contributions of Sociolinguistics and Dialectology effective for teaching Portuguese to natives and foreigners. The results reached are related to: (i) new research methodologies in Sociolinguistics and Dialectology, especially with the incorporation of new computational and statistical tools; (ii) new approaches to teaching Portuguese, considering variation and change and the fight against linguistic prejudice; (iii) interdisciplinarity in sociolinguistic and dialectological research, with, for example, sociology, geography, anthropology, cultural and gender studies, pedagogy, psychology, statistics.

KEYWORDS: Sociolinguistics; Dialectology; Research; Teaching.

Introdução

O simpósio “Sociolinguística e dialetologia: novas abordagens de pesquisa e ensino” integrou a programação do I Fórum Internacional de Sociolinguística, que foi promovido pelo Grupo de Trabalho (GT) de Sociolinguística da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL) e organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O evento foi realizado nos dias 26 e 27 de novembro de 2019, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Seu objetivo foi discutir novas abordagens teórico-metodológicas e de ensino nas áreas da Sociolinguística e da Dialetologia. Neste século XXI, considerando o avanço das pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas e diante das novas tecnologias que se apresentam, é preciso rever a metodologia da coleta de dados, o perfil da comunidade e dos informantes, o estabelecimento de variáveis linguísticas, sociais e espaciais. Alguns princípios teóricos já não se sustentam, como, por exemplo, o comportamento conservador das mulheres e inovador dos homens, o *locus* das inovações nos mais jovens e nos grandes centros (ECKERT, 1997; PAIVA, 2004; FREITAG, 2005; 2015). Com o acesso cada vez maior à educação formal e à mídia e com a mobilidade socioespacial comum atualmente, não se pode mais deixar de considerar as migrações e os contatos linguísticos (seja de falares ou de línguas distintas) como integrantes do perfil dos falantes. Além disso, buscou-se discutir também como efetivar as contribuições da Sociolinguística e da Dialetologia para o ensino de português a nativos e a estrangeiros,

pois o estabelecimento de diretrizes em documentos oficiais não tem garantido lugar para uma abordagem eficaz da variação e da mudança linguística em sala de aula.

Algumas questões foram, pois, alvo de reflexão: (i) como conciliar perfis topodinâmicos e topoestáticos dos informantes? (ii) por que um falante cujos pais não sejam nascidos no local não representa sua comunidade? (iii) como se define hoje uma comunidade isolada? (iv) como definir o perfil social de um falante: escolaridade, renda, profissão, local de residência? (v) como aproveitar e explorar dados provenientes da mídia e das redes sociais? (vi) como usar as pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas e as novas tecnologias a favor de um ensino de português mais eficaz?

Assim, no referido simpósio, foram aceitos trabalhos sobre: (i) novas metodologias de pesquisa em Sociolinguística e em Dialetologia, sobretudo com a incorporação de novas ferramentas computacionais e estatísticas; (ii) novas abordagens para o ensino de português, considerando a variação e a mudança e o combate ao preconceito linguístico; (iii) a interdisciplinaridade nas pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas, com, por exemplo, a sociologia, a geografia, a antropologia, os estudos de gênero, a pedagogia, a psicologia e a estatística.

Foram aceitos os seguintes oito trabalhos: (i) “Limitações e desafios das pesquisas geolinguísticas”, de Jacyra Andrade Mota (UFBA) e Marcela Moura Torres Paim (UFRPE); (ii) “Estudos sobre crenças e atitudes em dados do ALiB: desafios metodológicos”, de Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Fabiane Cristina Altino (UEL); (iii) “Preservação de línguas locais: interferências do português no contexto sociolinguístico de Timor-Leste”, de Lucimar França dos Santos Souza (IF-GO); (iv) “Variação e mudança linguísticas: percepções de professores de língua portuguesa quanto ao ensino dos fenômenos sociolinguísticos e o combate ao preconceito linguístico”, de Diogo de Campos Alves (UFG) e Vanessa Regina Duarte Xavier (UFG); (v) “Concordância nominal e identificação de efeitos estilísticos em termos labovianos e não labovianos”, de Juliana Rangel Scardua (UFES); (vi) “Variação estilística na concordância nominal de número: correlações entre a *Árvore de Decisão* e a *Audience Design*”, de Elaine Cristina Borges de Souza (UFES); (vii) “Como captar variantes com forte componente interacional? O protagonismo do *tu* brasileiro”, de Maria Marta Pereira Scherre (UFES/UnB), Carolina Queiroz Andrade (UnB/Faculdades Projeção) e Cibelle Corrêa Béliche Alves (UFMA); e (viii) “O /R/ retroflexo: um caso de identidade linguística”, de Valter Pereira Romano (UFSC) e Hélien Cristina da Silva (IF-MS).

Os quatro primeiros trabalhos foram apresentados e discutidos no primeiro dia do evento. No segundo dia, foram apresentados e discutidos os três trabalhos seguintes. E o último trabalho não foi apresentado, pois os autores não compareceram ao evento.

A seguir, apresenta-se uma síntese de cada trabalho, com exceção do último, com as respectivas discussões.

Limitações e desafios das pesquisas geolinguísticas

Nesse trabalho, discutiu-se a relação entre dados diatópicos e dados sociais a partir de pesquisas em andamento no campo da Geolinguística Pluridimensional contemporânea (THUN, 1998).

Considera-se que, embora a Geolinguística pluridimensional tenha trazido para as pesquisas dialetais parâmetros sociolinguísticos (LABOV, 2008 [1972]), incluindo variáveis sociais, como sexo, faixa etária, nível de escolaridade, são observadas limitações resultantes da priorização da distribuição espacial, especialmente no caso dos atlas linguísticos que abarcam grandes áreas, como os nacionais.

Exemplificou-se a situação acima colocada com o Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014), que inclui informantes estratificados quanto ao sexo, à faixa etária e, nas capitais, à escolaridade, mas que, para cobrir o imenso território brasileiro, teve de restringir o número de informantes a oito nas capitais e a quatro nas demais localidades, e as faixas etárias a apenas duas – a primeira, de 18 a 30 anos e a segunda, de 50 a 65 anos – sem a faixa intermediária, importante em pesquisas sociolinguísticas.

Considerando tais limitações, pode-se, por exemplo, a partir das análises do *corpus* do ALiB, apontar indícios de mudança ou demarcar, preliminarmente, áreas dialetais que deverão ser, posteriormente, confirmadas, em pesquisas sobre áreas reduzidas, com a ampliação do número de entrevistados.

Um indício de mudança em curso, no português do Brasil, nos dados do ALiB, é, por exemplo, a tendência à palatalização das oclusivas dentoalveolares /t, d/ diante da vogal alta [i] em vocábulos como *tirar*, *dizer*, *sete*, *rede*, considerando que a frequência é maior na fala dos informantes mais jovens.

Outro exemplo, também no ALiB, são as variantes lexicais para o produto que tem o item *ruge*, majoritariamente, na fala dos mais velhos, e *blush*, fortemente presente no repertório dos mais jovens.

Com relação à delimitação de áreas dialetais, denominações como *macaco* para *amarelinha* ou *macaxeira* para *mandioca*, presentes nas regiões Norte e Nordeste e ausentes nas demais, parecem confirmar, no nível lexical, a proposta de Nascentes (1953) de divisão dialetal do Brasil em duas grandes áreas: os falares do Norte e os falares do Sul.

Admite-se que o desafio na área da Geolinguística poderá ser enfrentado em atlas regionais e em trabalhos monográficos sobre áreas selecionadas.

Assim, evidencia-se, por um lado, que os dados do Projeto ALiB são insuficientes para uma descrição mais ampla do português brasileiro em geral, mas, por outro lado, podem fornecer pistas que instiguem novas pesquisas mais verticalizadas em determinadas localidades. Ressalta-

se também que a metodologia empregada em nível nacional (detalhada na seção seguinte), por adotar a geolinguística pluridimensional, caracteriza o ALiB como um atlas de última geração. E destaca-se ainda o fato de estar em desenvolvimento a aplicação ALiBWeb, que permitirá o acesso ao banco de dados para a geração de cartas linguísticas e de mapas sonoros, incorporando ferramentas computacionais e estatísticas às análises linguísticas.

Estudos sobre crenças e atitudes em dados do ALiB: desafios metodológicos

Os questionários do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001) constituem um instrumento elaborado para coletar, descrever e analisar dados diatópicos, diastráticos, diasssexuais, diageracionais e diafásicos do português falado no Brasil. Esses dados linguísticos, obtidos em 250 localidades brasileiras (das capitais e do interior), junto a 1.100 informantes estratificados segundo o sexo, a faixa etária e a escolaridade (esta última apenas nas capitais), representam uma amostra da variação fonética, prosódica, lexical e morfossintática, em *corpus* constituído por meio de vários estilos: mais formal, menos formal e informal.

Uma das últimas seções dos questionários é destinada a seis perguntas de natureza metalinguística cujas respostas têm servido de objeto de estudo sobre crenças e atitudes linguísticas.

Os pesquisadores associados ao Projeto ALiB que vêm se dedicando ao estudo das respostas dadas nessa seção do inquérito têm plena consciência de que o método utilizado pelo projeto não é o mais adequado para a investigação dessa natureza tal como preconizada por Lambert e Lambert (1966) e Bem (1973). No entanto o material coletado na seção destinada a essas questões metalinguísticas têm sido útil para desenvolver artigos, capítulos de livros e teses, tais como o fizeram Aguilera (2008a; 2008b; 2008c), Mota (2018) e Pagani (tese em andamento).

Aguilera (2008a, 2008b), em seu estágio pós-doutoral, analisou as respostas dos 200 informantes das capitais dadas à 1ª questão: Que língua você fala? Aguilera (2008c) discutiu as crenças e atitudes de falantes das regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil. Mota (2018) discutiu a avaliação dos falantes do Nordeste sobre a realização de consoantes alveolares e palatais. E Pagani (tese em andamento) está analisando as atitudes linguísticas a partir das respostas dos 336 informantes da Região Sudeste às questões metalinguísticas do Projeto ALiB.

Discutiu-se se as questões metalinguísticas, tal como foram formuladas, são válidas para compor um retrato adequado e suficiente do que pensam e sentem os falantes do português brasileiro sobre a própria variedade e sobre a fala diferente do outro. E chegou-se à conclusão de que muitos informantes do ALiB não só têm consciência da variação, mas também são capazes de apontar diferenças entre as várias formas de se dizer a mesma coisa, inclusive com

a exemplificação de variantes dialetais. Embora tenham sido aplicadas apenas seis questões metalinguísticas, é possível, como dito na seção anterior, obter indícios que revelam as crenças e as atitudes dos brasileiros em relação à sua fala e à fala de outrem. E esses indícios podem ainda motivar a recolha de novos dados para uma análise mais aprofundada do tema, pois alguns informantes discorrem sobre determinados fenômenos linguísticos variáveis (fonéticos e lexicais, por exemplo).

Preservação de línguas locais: interferências do português no contexto sociolinguístico de Timor-Leste

Nesse trabalho, discutiu-se a preservação de línguas locais, a partir de um lugar específico: Timor-Leste, país lusófono da região sudoeste da Ásia. O enfoque foi a realidade sociolinguística do país e seus diferentes contextos políticos.

Lá, o português é língua oficial junto à língua nacional e, além dessas, existem várias línguas locais, como também outras línguas estrangeiras. No entanto interessou compreender a relação entre as línguas locais do território timorense e o português.

O estudo partiu da sociolinguística, na qual a importância atribuída, ou não, a uma língua faz com que esta obtenha ou perca estatuto na vida de um indivíduo ou comunidade. Além disso, língua e identidade estão relacionadas, de modo que crenças e atitudes em relação a uma língua refletem crenças e atitudes de seus falantes.

A proposta teve como aporte teórico-metodológico as pesquisas etnográficas de Calvet (2002), cujo foco é o aspecto social das línguas; os estudos de López Morales (1993), sobre o impacto das crenças e atitudes linguísticas no ensino de línguas maternas e estrangeiras; e o texto de Bahktin (1979), para quem a língua é um patrimônio cultural de inestimável valor, cuja dinâmica é da grandeza da sociedade. Esse patrimônio linguístico envolve uma série de símbolos sociais e determinados a partir do valor e da força simbólica que possuem para a memória coletiva de um grupo.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, utilizando a técnica da observação, uma vez que esta permite extrair informações de grupos ou situações, e entrevistas semiestruturadas (MARCONI; LAKATOS, 1990), bem como questionários e diário de bordo, como suporte à geração dos dados, análise e interpretação do material empírico. A pesquisa foi realizada entre os anos de 2000 e 2015.

Foram identificadas crenças e atitudes linguísticas que refletem a preservação das línguas de Timor-Leste em contato com a língua portuguesa – língua oficial, de instrução e da administração pública do país.

Foram ampliadas as discussões e a reflexão sobre a proteção das línguas em contextos sociolinguisticamente complexos, ficando demonstrado que a relação entre sujeitos e suas comunidades determina a pertinência das línguas e sua relevância, que pode ser constatada pelo fato de as línguas se instalarem no entrecruzamento das dimensões simbólica, social, política e econômica.

Variação e mudança linguísticas: percepções de professores de língua portuguesa quanto ao ensino dos fenômenos sociolinguísticos e o combate ao preconceito linguístico

A abordagem didática dos fenômenos da variação e mudança linguísticas mostra-se essencial para que se ultrapassem os moldes engessados do ensino gramatical da língua portuguesa. Observa-se a importância desses fenômenos sociolinguísticos em documentos oficiais, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e do Plano Nacional do Livro Didático (BRASIL, 2018), os quais respaldam as orientações para um ensino de língua portuguesa que evidencie, em especial, o respeito às diferenças e o combate ao preconceito linguístico.

No entanto a abordagem de tais fenômenos ainda é muitas vezes conduzida de forma ineficaz em sala de aula. A variação linguística é apresentada de maneira inconsistente teoricamente em livros didáticos ou até mesmo sofre interferências de questões sociais que dificultam uma abordagem sensível e reflexiva do tema dentro do contexto escolar.

Desse modo, na tentativa de compreender a realidade que permeia o ensino da variação e da mudança linguísticas e, por conseguinte, de combater o preconceito linguístico, o trabalho apresentou as percepções de professores de língua portuguesa quanto ao tratamento desses fenômenos linguísticos em suas práticas de ensino.

Para tanto, embasou-se teoricamente em Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2007; 2009; 2015), Görski e Coelho (2009), Marques e Baronas (2015), Scherre (2009), dentre outros, para articular a discussão do ensino dos fenômenos em questão e sua relação com a escola e a mídia, com o objetivo de dialogar acerca das problemáticas linguísticas e sociais que envolvem o ensino de língua portuguesa.

O *corpus* analisado foi um questionário qualitativo, que abrange treze perguntas discursivas, aplicado a seis professores de língua portuguesa atuantes no ensino médio da rede pública de ensino da cidade Catalão (GO). O questionário abarca quatro pontos: a) a abordagem dos fenômenos sociolinguísticos nas aulas; b) a visão dos professores quanto aos conteúdos presentes nos livros didáticos; c) a interferência da mídia e da comunidade escolar no ensino desses fenômenos; d) possíveis soluções para um aprendizado mais sensível e menos preconceituoso desses fenômenos.

Os resultados apontaram que: a) os fenômenos sociolinguísticos são pouco trabalhados nas aulas e com uma abordagem ainda não adequada; b) alguns professores já têm consciência da variação linguística, mas ainda seguem os conteúdos dos materiais didáticos sem questioná-los; c) os professores relataram dificuldades na adoção de uma pedagogia da variação por encontrarem resistência da própria comunidade e pela pressão da mídia; d) ficou evidente a necessidade de uma formação continuada dos professores.

A discussão contribuiu com reflexões sobre o tema, com proposta de retorno da pesquisa e da análise dos dados aos professores, para que reflitam sobre o ensino da variação e da mudança linguísticas, de forma que consigam desenvolver olhares mais críticos e democráticos quantos aos fenômenos sociolinguísticos e que consigam também repensar e modificar a sua prática docente em relação ao tema, sendo capazes de realizar ações de combate ao preconceito linguístico.

Concordância nominal e identificação de efeitos estilísticos em termos labovianos e não labovianos

A marcação de plural no interior do sintagma nominal pode ser expressa sob a forma de duas variantes no português brasileiro: (1) variante padrão – presença de marcas plurais em todos os elementos flexionáveis do sintagma nominal (*todos os documentos*); (2) variante não padrão – ausência de marcas plurais em alguns elementos flexionáveis do sintagma nominal (*os outros peixe / nesses barzinho novo*).

Pesquisas sociolinguísticas têm apontado menos variação da concordância nominal em comunidades urbanas no Brasil. No português falado no Rio de Janeiro, Scherre e Naro (2014) observaram que o percentual de 71% de concordância na década de 1980 subiu para 89% nos anos 2000. Em Salvador, com amostra coletada na década de 1990, Lopes (2001) encontrou uma frequência de 81% de marcas explícitas de plural. Na mesma linha, Scardua (2018), analisando a fala capixaba, obteve um índice de 88,6% de uso do morfema plural nos anos 2000.

No entanto, nas interações cotidianas menos monitoradas, comumente, ouvimos falantes, inclusive com alto grau de escolaridade, deixarem de fazer concordância em sua fala. Nesse sentido, esse trabalho objetivou promover uma reflexão sobre como melhor captar a escolha das variantes em função do aspecto estilístico.

Para isso, discutiu-se a identificação de diferenças estilísticas em dois métodos de coleta de dados, a saber: (1) entrevistas sociolinguísticas, com base na proposta laboviana da Árvore da Decisão (LABOV, 2001), aplicada e remodelada por Scardua (2018) na amostra Projeto Português Falado na Cidade de Vitória – PortVix (YACOVENCO *et al.*, 2012); e (2) gravações naturais de fala, à luz de Bell (1984, 2001) e Eckert (2001), ao acompanhar um só informante

interagindo com diferentes interlocutores, em diversas interações cotidianas (PEREIRA; SCHERRE, 1995).

Ao comparar essas duas propostas metodológicas, analisando como elas podem ser operacionalizadas e como atuam, promoveu-se uma reflexão sobre novas abordagens de estudo da variação linguística no âmbito da Sociolinguística.

As discussões apontaram para uma revisão da metodologia tradicional de coleta de dados, com a incorporação de novas técnicas que considerem a questão do estilo e que contemplem o acompanhamento dos informantes em suas várias comunidades de práticas. Foi colocada também a questão ética, que impede a realização de gravações secretas, que poderiam minimizar o chamado “paradoxo do observador” (LABOV, 2008 [1972]) e possibilitar a coleta da fala vernacular.

Variação estilística na concordância nominal de número: correlações entre a *Árvore de Decisão* e a *Audience Design*

Além de considerar fatores extralinguísticos, como região geográfica, classe social, escolaridade, faixa etária, entre outros, os estudos sociolinguísticos também podem ter como foco de análise as alternâncias linguísticas em um mesmo indivíduo.

Assim, é parte das investigações em sociolinguística o estudo da variação estilística, que pode ser analisada a partir de diferentes abordagens. É possível, a partir de um indivíduo, buscar compreender os fenômenos e contextos que possibilitam manifestações linguísticas díspares, em maior ou menor grau.

O que as diferentes perspectivas sobre a variação estilística mostram é que não há um consenso sobre quais circunstâncias e fatores alteram o estilo do indivíduo. A proposta desse trabalho foi mostrar que essas diferentes perspectivas não são excludentes entre si, mas coexistem e se complementam quando se procura compreender como e por quais razões as mudanças de estilo ocorrem.

O trabalho é um estudo a partir da abordagem de Atenção à Fala (*Attention to Speech*), de Labov (2008 [1972]; 2001), segundo a qual o indivíduo varia estilisticamente conforme o grau de monitoramento da própria fala, a partir do modelo metodológico da *Árvore da Decisão*.

Esse modelo classifica a fala produzida em monitorada ou casual, a partir da descrição do contexto em que o trecho aparece, partindo da premissa de que o contexto de fala pode ser quantificado a partir de um domínio de atenção à fala.

Foram analisados dados de uma informante com oito anos de escolaridade, em três situações comunicativas – a participação em um grupo de discussão, uma entrevista e uma apresentação de trabalho escolar.

O fenômeno escolhido para análise foi a concordância nominal de número, fortemente estigmatizado quando não se realizam as marcas formais de concordância indicadas pelo padrão linguístico.

Investigou-se se a falante teve diferentes níveis de atuação de estilo linguístico, com mais ou menos concordância, conforme o nível de atenção dispensado à fala tanto no interior de cada contexto quanto entre diferentes contextos.

Os resultados apontaram para desempenhos linguísticos diversos a depender do estilo ou da situação em que se encontrava a falante, com mais concordância nominal de número associada a maior monitoramento de fala e, conseqüentemente, menos concordância associada a eventos menos monitorados.

As discussões que se seguiram retomaram a questão da metodologia de coleta de dados discutidas na seção anterior e ficou claro que é preciso aprofundar o debate sobre os procedimentos adotados nas pesquisas sociolinguísticas.

Como captar variantes com forte componente interacional? O protagonismo do *tu* brasileiro

O português brasileiro exibe diversas possibilidades para um falante se dirigir a um interlocutor, entre as quais se destacam *senhor/senhora*, *você*, *ocê*, *cê*, *tu*, este último pronome podendo ser acompanhado de verbo com ou sem a marca de concordância.

Scherre *et al.* (2015) apresentam sínteses de inúmeras pesquisas sobre o tema e propõem a organização de um mapa com seis subsistemas pronominais de segunda pessoa do singular, com o macro *você*, a presença e a frequência de *tu* com e sem concordância. O mapa é dinâmico, sujeito a alterações em função de novas coletas de dados e de novas análises.

Foi principalmente com relação ao tipo de coleta de dados que a apresentação foi feita. Os trabalhos evidenciam que, a depender do tipo de coleta de dados, o pronome *tu* pode até não emergir ou emergir com baixa frequência, sem refletir os usos reais.

Paredes Silva (2003) evidencia o papel da interação na cidade do Rio de Janeiro. Em entrevistas sociolinguísticas dos anos 1980 e 2000 do Programa de Estudos dos Usos da Língua (PEUL), a autora registrou 6% e 7% de casos de *tu*, respectivamente, mas, em conversas naturais ocultas, registrou 68%, sempre sem concordância.

Ilari *et al.* (1996), no *corpus* mínimo do Projeto NURC, e Cardoso (2008), em entrevistas geolinguísticas do Projeto ALiB, não apresentam registros de *tu* para o Rio de Janeiro.

Na variedade brasiliense, o surgimento do *tu* ocorreu como um traço de focalização dialetal, cuja frequência, também sem concordância, varia a depender do tipo de coleta. Os

totais verificados do pronome *tu* em Brasília são: (i) 13% em conversas espontâneas não ocultas com falantes de 14 a 48 anos dos sexos masculino e feminino (DIAS, 2007); (ii) entre 30% e 48% em entrevistas sociolinguísticas motivadas, com falantes de 7 a 14 anos, de ambos os sexos (ANDRADE, 2010; 2015); (iii) 72% em conversas espontâneas ocultas, entre falantes predominantemente do sexo masculino, de 15 a 19 anos (LUCCA, 2005).

Em São Luís – MA, Alves (2010) registrou 39% de *tu* com 29% de concordância em entrevistas geolinguísticas do Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA). Alves (2015), ainda com dados ludovicenses, em gravações de conversas espontâneas não ocultas, registrou 83% de *tu*, 71% sem concordância e 12% com concordância.

O trabalho apresentado focalizou os pronomes de segunda pessoa do singular, considerando, especialmente, os diversos tipos de coleta de dados, que influenciam diretamente os resultados das pesquisas. Objetivou-se obter um mapeamento mais fiel das diversas variedades do português brasileiro na dimensão geográfica, com o devido controle das dimensões interacionais, paralelamente ao controle de variáveis sociolinguísticas clássicas, como faixa etária, sexo e anos de escolarização dos falantes.

Comparando resultados de pesquisas diversas em também diversas localidades brasileiras, foi proposto um mapa com a distribuição das variantes para o tratamento do interlocutor e foram definidos subsistemas a depender do pronome mais utilizado (*tu* ou *você*) e a depender do índice de concordância do pronome *tu*.

As discussões giraram em torno da necessidade de diálogo entre os pesquisadores e de socialização dos resultados para posterior comparação e da urgência de se repensar a metodologia da coleta dos dados, de forma que: (i) não haja o “efeito gatilho” do pronome usado pelo inquiridor; (ii) sejam propiciados contextos de elocução dos pronomes analisados; e (iii) seja assegurada a espontaneidade do falante em sua produção.

Considerações finais

Feito um breve balanço dos trabalhos apresentados no simpósio que intitula este artigo, pode-se perceber a proficuidade das discussões e o potencial das áreas da sociolinguística e da dialetologia para o entendimento e a descrição do funcionamento da linguagem humana.

Basicamente, mais do que os fenômenos variáveis que foram tomados como objetos de estudo, interessou ao grupo debater sobre a metodologia de coleta de dados, a constituição das amostras e as técnicas de análise. Discutiu-se a necessidade de uso de ferramentas computacionais e estatísticas nas pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas e de investimento em cursos de formação para o uso de alguns programas, o que abre caminhos para o diálogo entre a Linguística e a Ciência da Computação.

Em alguns trabalhos, que consideraram a variável ‘sexo’ em suas análises, abriu-se a

discussão sobre sexo e gênero. Ficou evidenciado que há poucas pesquisas na área que controlam o gênero, uma vez que a maioria dos bancos de dados já constituídos controlaram apenas o sexo. O grupo concluiu que é preciso discutir o tema de forma mais aprofundada no âmbito do GT de Sociolinguística da ANPOLL, pois o gênero é uma variável ainda difícil de ser estratificada.

Ficou clara a necessidade de frentes que tenham o potencial de instigar trabalhos coletivos e/ou representem anseios ou avanços na área, assim como um panorama das complexidades e/ou potencialidades envolvidas numa agenda de temáticas, encaminhamentos, problemas/restrições, ações e proposições relativa à pesquisa empírica na sociolinguística e na dialetologia.

Na área da sociolinguística, constata-se que “a documentação e a análise do português brasileiro (tanto falado como escrito) constituem empreendimentos avançados e de grande sucesso num país de dimensões continentais e de estratificação histórica, social, cultural e econômica bastante diversificada” (OLIVEIRA, 2016, p. 491).

Cardoso e Mota (2013) confirmam essa afirmação no que tange à dialetologia:

A Dialetologia brasileira tem apresentado crescimento na sua produção e no interesse manifesto pelo corpo acadêmico. O perfil da metodologia seguida sinaliza para os avanços que vem atingindo e os atlas publicados e os em curso mostram o desenvolvimento que vem tendo a Geolinguística no Brasil a partir da segunda metade do século XX e com a publicação do APFB. Já existe, como se pode depreender, uma vasta área do território nacional retratada em cartas linguísticas, com dados postos para análise, oferecendo a possibilidade de identificação de possíveis áreas e limites geolinguísticos. (CARDOSO; MOTA, 2013, p. 139)

Ou seja, muito já se sabe sobre a realidade dialetal e sociolinguística do país. Agora é preciso a conjugação de teorias e métodos diversos bem como a exploração dos dados já disponíveis e a coleta de outros novos para uma agenda de pesquisa deste século XXI. Deve-se agregar aos trabalhos a inter- e a transdisciplinaridade e pensar em formas de contribuição ao ensino de língua portuguesa.

É urgente, portanto, rever os procedimentos metodológicos (pensando, inclusive, em coletas alternativas), incorporar as novas tecnologias, realizar mais estudos comparativos e ampliar as formas de divulgação dos resultados para que ultrapassem os círculos acadêmicos e cheguem à sociedade como um todo e, sobretudo, aos envolvidos com o ensino-aprendizagem da língua portuguesa. Essa preocupação, aliás, claramente externada no simpósio que aqui se relata, também está revelada nas reuniões do GT de Sociolinguística da ANPOLL e envolve os seus quatro eixos de atuação.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Lingüísticos*, n. 37 (2), São Paulo, p. 105-112, 2008a.

_____. Crenças e atitudes linguísticas: quem fala a língua brasileira? In: RONCARATI, C. N.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EDUFF, 2008b, p. 311-333.

_____. O que um atlas lingüístico nacional pode revelar sobre as crenças e atitudes de falantes das regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil. In: I FÓRUM INTERNACIONAL DA DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA. *Atas...* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008c, p. 6-17.

ALVES, C. C. B. *O uso do “tu” e do “você” no português falado no Maranhão*. Fortaleza: UFC, 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFC, Fortaleza, 2010.

_____. *Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense*. Brasília: UnB, 2015. Tese (Doutorado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Linguística, UnB, Brasília, 2015.

ANDRADE, C. Q. *“Tu” e mais quantos? A segunda pessoa na fala brasiliense*. Brasília: UnB, 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Linguística, UnB, Brasília, 2010.

_____. *A fala brasiliense: origem e expansão do uso do pronome “tu”*. Brasília: UnB, 2015. Tese (Doutorado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Linguística, UnB, Brasília, 2015.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística*. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *Gramática: passado, presente e futuro*. Curitiba: Aymar, 2009.

_____. *Preconceito lingüístico*. 56.ed. São Paulo: Parábola, 2015.

BAHKTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BELL, A. Language style as audience design. *Language in Society*, v. 13, Cambridge, p. 145-201, 1984.

_____. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 139-169.

BEM, D. J. *Convicções, atitudes e assuntos humanos*. Trad. de Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: EPU, 1973.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. *Guia do livro didático PNLD 2017: Língua Portuguesa – ensino médio*. Brasília: MEC/SEF, 2018.

CALVET, L.-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, S. A. M. *Caminhos dos pronomes pessoais no português brasileiro: considerações a partir dos dados do Projeto ALiB*. Comunicação apresentada no I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, São Paulo, USP, 2008. Disponível em: < http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/09_3.pdf >. Acesso em: 24 ago. 2019.

_____. *et al. Atlas linguístico do Brasil*. 2v. Londrina: EDUEL, 2014.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. Percursos da geolinguística no Brasil. *Linguística*, v. 29 (1), Montevideo, p. 115-142, 2013.

COMITÊ NACIONAL DO ALiB. *Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Questionários. Londrina: EDUEL, 2001.

DIAS, E. P. *O uso do “tu” no português brasileiro falado*. Brasília: UnB, 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Linguística, UnB, Brasília, 2007.

ECKERT, P. Age as a sociolinguistic variable. In: COULMAS, F. *The handbook of sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 1997, p. 151-167.

_____. Style and social meaning. In: _____; RICKFORD, J. R. (eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 119-126.

FREITAG, R. M. K. Idade: uma variável sociolinguística complexa. *Línguas & Letras*, v. 6, Cascavel, p. 105-121, 2005.

_____. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: _____; SEVERO, C. G. (orgs.). *Mulheres, Linguagem e poder*. Estudos de gênero na sociolinguística brasileira. São Paulo: Blucher, 2015, p. 17-73.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. Variação linguística e ensino de gramática. *Working Papers em Linguística*, v. 10 (1), Curitiba, p. 73-91, 2009.

ILARI, R. *et al.* Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (orgs.). *Gramática do português falado – estudos descritivos*. v. 4. São Paulo: UNICAMP/FAPESP, 1996, p. 79-164.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre,

Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 85-109.

LAMBERT, W.; LAMBERT, W. *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LOPES, N. S. *Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade*. Salvador: UFBA, 2001. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, UFBA, Salvador, 2001.

LÓPEZ MORALES, H. *Sociolinguística*. Madrid: Gredos, 1993.

LUCCA, N. N. G. *A variação “tu”/“você” na fala brasiliense*. Brasília: UnB, 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Linguística, UnB, Brasília, 2005.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MARQUES, T. M.; BARONAS, J. E. A. Pedagogia da variação linguística: por uma abordagem heterogênea da língua a fim de minimizar o preconceito linguístico. *Signum*, n. 18 (1), Londrina, p. 283-308, 2015.

MOTA, J. A. *As consoantes alveolares e palatais em coda silábica nas capitais do Nordeste*. Avaliação pelos informantes do Atlas Linguístico do Brasil. Comunicação apresentada no ALFALITO, João Pessoa, UFPB, 2018 (trabalho inédito).

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

OLIVEIRA, J. M. A sociolinguística laboviana: festejando o cinquentenário e planejando o futuro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 58 (3), Campinas, p. 481-501, 2016.

PAGANI, E. C. *Consciência e atitudes linguísticas de informantes da Região Sudeste sobre as variedades regionais*. Londrina: UEL, em andamento. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UEL, Londrina, em andamento.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 33-42.

PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome “tu” à fala carioca. In: RONCARATI, C. N.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro I: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2003, p. 160-169.

PEREIRA, A. K.; SCHERRE, M. M. P. *A influência do contexto interacional na concordância de número no português do Brasil*. Comunicação apresentada no II Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes das IFES mineiras, Uberlândia, UFU, 1995 (trabalho inédito).

SCARDUA, J. R. *Análise da concordância nominal na fala de Vitória-ES: o linguístico, o social e o estilístico*. Vitória: UFES, 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, UFES, Vitória, 2018.

SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2009.

_____ *et al.* Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 133-172.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sociolinguistic correlates of negative evaluation: variable concord in Rio de Janeiro. *Language Variation and Change*, v. 26, Cambridge, p. 331-357, 2014.

THUN, H. Principi e metodi della geografia linguistica: conservazione, rinnovamento o rilancio? In: CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 21, 1995, Palermo. *Atti...* v. 5. Dialettologia. Geolinguistica. Sociolinguistica. Tübingen: Max Niemeyer, 1998, p. 787-789.

YACOVENCO, L. *et al.* Projeto PortVix: a fala de Vitória-ES em cena. *Alfa*, v. 56 (3), São Paulo, p. 771-806, 2012.